

Co(rpo) letivo e alguns respingos sobre a construção do saber em dança na escola de ensino formal

Josiane Gisela Franken

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Bolsista Capes

Resumo: O presente trabalho versa sobre o corpo na instituição escolar e a inserção da Dança como componente curricular na escola de Educação Básica. Partindo do pressuposto de que, na maioria das instituições escolares, o corpo da criança e do jovem é negligenciado, este texto pretende tecer reflexões a respeito de possíveis investimentos para a construção de um corpo dançante. Além disso, objetiva compartilhar o processo de criação em desenvolvimento do termo co(rpo) letivo, que se caracteriza como uma noção sobre o corpo dançante na escola de ensino formal. Para tanto, tem como base o pensamento de autores como Pena et al. (2008), Rengel (2008, 2009) e Tardif e Levasseur (2011). A partir da pesquisa bibliográfica, cruzada com diferentes experiências empíricas da autora, concluiu-se que é preciso ampliar as possibilidades de trabalho corporal dentro da instituição de Educação Básica e a Dança caracteriza-se como uma disciplina essencial para este trabalho, se desenvolvida de forma constante, consciente e coletiva.

Palavras-chave: ensino; processo; arte.

O corpo na escola

Escolarizadas, as crianças aprendem a permanecer sentadas por horas e a movimentarem seu corpo conforme a rotina escolar: há hora para lanche, para brincar, para ir ao banheiro. Há jeito de sentar, jeito de caminhar e jeito de falar. Há um período de tempo durante o dia e um período de tempo durante o ano para se ficar na escola. Certamente, é necessário que tenhamos a instituição bem organizada, com horários e atividades pré-definidas, afinal, somos responsáveis pelo bem estar das crianças e jovens que participam das atividades escolares. Rengel (2008, p. 11) ressalta que

A rotina é importante, dá segurança à criança, ao adolescente, ao jovem e ao adulto. Nenhum ser vivo está livre de ser senso comum. O problema é que os sistemas educacionais, na sua grande maioria, tentam nos 'nivelar' num dado padrão (de comportamento, de modos de agir e pensar), tentam nos manter somente no senso comum. Penso que esse é um aspecto sobre o qual devemos refletir.

Assim, muitas vezes acabamos excedendo os limites de controle. Somos exagerados no controle com o corpo, principalmente dentro da escola, e isso pode estar minimizando possibilidades criativas e de convivência. Segundo Pena et al. (2008, p. 33) "O dia-a-dia escolar lembra o de uma linha de montagem, onde os

encontros acontecem sem criatividade, sem troca, sem emoção, sem produção de conhecimento”. Apesar de conhecermos esse cenário (seja através da experiência enquanto alunos ou enquanto pais e professores), muitos estudos possibilitam avanços no campo das Artes e da Educação e fazem com que aconteçam novos diálogos empíricos reflexivos contínuos e necessários para que possam ocorrer mudanças e transformações no ambiente escolar.

Mesmo assim, para refletir sobre a inserção da Dança na Educação Básica é necessário analisarmos esses fatores que caracterizam a maioria das escolas brasileiras com proximidade. Pois, se durante anos estivemos negligenciando a existência de corpos na instituição escolar, é urgente que haja mais ações no sentido de propiciar ao corpo espaço para experimentação criativa. É relevante pensarmos que nossas crianças permanecem na escola por muitas horas diárias, às vezes dez! Não seria crueldade exigir desses corpos que fiquem quietos?

Por outro lado, não é assim tão fácil impormos que todos pratiquem a partir de agora atividades que privilegiem, por exemplo, as artes corporais, pois as realidades não mudam do dia para a noite. No contexto escolar, onde temos como tradição priorizar atividades que seriam “mais racionais” (o que, de acordo com o senso comum, são atividades representadas pelo ensino da matemática ou física, por exemplo), ter cautela e atenção ao exigir que as pessoas tenham comprometimento com a Dança, como nós (professores de Dança) temos, é, no mínimo, justificável.

Desse modo, investigar o ambiente escolar é uma solicitação quase inevitável para o professor de Dança na sua chegada à escola. A investigação prévia do território de trabalho configura uma possibilidade de negociação com colegas professores, com a equipe diretiva e com os alunos. Muitas vezes, os outros profissionais na escola não conhecem o trabalho do professor de Dança. Com pré-conceitos ou simples ignorância, a Dança é facilmente colocada em um canto qualquer da instituição escolar. Porém, isso não é motivo para nos colocarmos numa posição inferior ou fazendo parecer que somos prejudicados. O trabalho comprometido com o diálogo e a coletividade geralmente consegue desmistificar questões relacionadas à Dança e melhorar a convivência entre os envolvidos.

Se pensarmos bem, nós (professores de Artes), por vezes nutrimos pré-conceitos a respeito de outras Áreas e fechamos possibilidades de conversa, assim como os colegas que acreditam que dançar é o passatempo das crianças ou que é

similar à ginástica. Além disso, também podemos verificar que há outros colegas com problemas de estrutura física na escola (assim como acontece com a Dança), como professores de Biologia sem laboratório ou de Educação Física sem quadra esportiva.

Essas são apenas algumas questões, que suscitam demasiada atenção e que se conectam com diversas problemáticas, tecendo uma rede complexa e constituindo as vivências no campo escolar. Com o intuito de refletir sobre alguns desses fatores venho alimentando pesquisas no âmbito da Dança na escola, desde minha entrada no ensino formal como docente, em 2007.

Nesse momento, no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, compartilho minha experiência docente, minhas dúvidas e minhas possíveis descobertas para que possamos coletivamente construir conhecimento a respeito da Dança no contexto específico que é a instituição escolar. Acreditando nesta possibilidade, reflito aqui sobre parte da minha pesquisa de Mestrado¹, que fala sobre o corpo que dança na escola e que objetiva analisar o processo de construção deste corpo, o co(rpo) letivo.

O cor(po) letivo

Após a vivência de algumas experiências empíricas na escola, concomitantes a minhas pesquisas acadêmicas, criei, para conversar sobre o corpo dançante na instituição escolar, a noção de “cor(po) letivo”². Apesar de ser graduada em Dança há menos de cinco anos venho desenvolvendo atividades no campo da docência desde 2000 e estou envolvida com a dança há cerca de 20 anos. Ao longo deste tempo, através de experiências como aluna, bailarina, monitora, estagiária, professora, coreógrafa, pesquisadora (etc), tenho voltado minha atenção para o Ensino e à Dança como atividade educacional.

¹ A pesquisa em desenvolvimento tem o título provisório de “A construção do *corpo letivo*: respingos sobre um processo educativo que dança (dançante que educa?)” e conta com apoio de bolsa CAPES. O trabalho está sendo desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com orientação da Profa. Dra. Vera Lúcia Bertoni dos Santos.

² A noção de “cor(po) letivo” foi “estreada” no Trabalho de Conclusão de Curso da especialização em Corpo e Cultura: ensino e criação da Universidade de Caxias do Sul RS e abordava como tema a improvisação em Dança na escola de Educação Básica. O trabalho foi intitulado “Cor(po) letivo: sinais sobre improvisação e dança na escola”, sob orientação da Profa. Dra. Sigrid Nora. Conclusão em jan/2010. Caxias do Sul RS.

A noção de “co(rpo) letivo” busca designar o corpo que dança na escola, na tentativa de efetivar um diálogo entre a Dança na instituição escolar e a Dança em outros espaços, tecendo vivências baseadas na experiência coletiva. Além disso, a configuração do “co(rpo) letivo” é entendida como a construção de um saber apoiado na relação entre aluno, professor e contexto.

Acredito que falar sobre um “co(rpo) letivo” é resultado dos muitos questionamentos que me acompanham enquanto docente e que vão configurando um jeito próprio de “ver” o corpo que dança na escola. De qualquer forma, este modo de chamar os corpos dançantes na Educação Básica ainda sofre transformações, está em processo de amadurecimento e é sujeito de uma investigação contínua. Esta investigação parte de dentro do ambiente escolar, onde podemos verificar especificidades que são comuns somente aos corpos que frequentam a escola.

Através da noção de “co(rpo) letivo” é possível encontrar as palavras corpo, letivo e coletivo. Escolher essas palavras para criar uma noção a fim de tratar da inserção da Dança na escola de ensino formal é consequência da expectativa de que o processo de ensino e aprendizagem em Dança possa se dar de forma compartilhada, ou seja, adultos, jovens e crianças influenciando-se mutuamente na construção do conhecimento em Dança.

Nesse sentido e resumidamente, a palavra “corpo”, na minha pesquisa, remete ao conceito de corpo pensante ou corpomente. Rengel (2009, p. 5) reflete que “(...) mentes e corpos não tem que se integrar, são integrados”. Não é necessário comprovar que na Dança o corpo terá a oportunidade de ser pensante, pois ele já é, desde a sua presença viva no mundo. Por ser pensante, os corpos criam dança a partir de lembranças vividas e também, pelo mesmo motivo, ficam arrepiados ao assistir um filme de suspense, por exemplo.

A palavra “letivo” representa para mim o sistema escolar, já que a priori o corpo na escola tem especificidades que o corpo fora da escola não tem. Uma destas especificidades seria vivenciar um tempo inventado, que é o ano letivo. O sistema escolar corresponde a muitos fatores que agem sob os corpos que frequentam a escola, como os horários pré-definidos, as vestimentas obrigatórias, a grade curricular, etc. Acredito que experimentar esse sistema cotidianamente organiza o corpo de forma peculiar e que influencia personalidades e afinidades.

Segundo Tardif e Levasseur (2011, p. 19), a escola é “uma organização social oriunda de práticas coletivas seculares, cujos modos de organização e de funcionamento pesam fortemente no destino pessoal e social de milhões de indivíduos”.

E a palavra “coletivo” sintetiza a ideia de que a construção de conhecimento em Dança possa acontecer na coletividade. Esta coletividade está tanto em sala de aula, como nos corredores da escola ou na comunidade local. Fazer algo coletivamente diz respeito mais ao “como” se faz do que ao “o que” se faz. Na criação em Dança na sala de aula, por exemplo, podemos compor coreografias coletivamente. Quando uma criança sugere algum tema ou algum movimento, o professor tem o poder de decidir adotar a sua sugestão de diferentes formas. Às vezes o estímulo não é o mais importante, mas sim o que se faz com ele e isso tem relação com a postura docente. Um processo coletivo de criação não significa usar a ideia dos outros participantes para impor a vontade do “mestre” na composição, mas sim, dar continuidade ao processo criativo com o restante da turma, vislumbrando algo maior, mais diverso e democrático.

Nesse sentido, o diálogo ganha força ao abrir a possibilidade de todos falarem. Às vezes, nem todas as propostas se encaixam nos planejamentos de aula, mas tudo pode ser adaptado e questionado em conjunto. Fazer a Dança acontecer coletivamente na escola também tem a ver com o entendimento dos outros agentes escolares sobre o trabalho com Dança e também tem a ver com os artistas locais, se estes estiverem dispostos a realizar intercâmbios com a Dança dentro da escola. Parece pouco adiantar os discursos de alguns artistas contemporâneos que defendem o “borramento” de fronteiras nas Artes, o inusitado, a democracia de corpos, se na verdade enxergam na Dança na escola uma Dança menor. Será que aquele artista que reclama de falta de público no seu espetáculo não identifica nas crianças e nos jovens uma perspectiva de melhoria para essa situação? Esta questão serve apenas para refletirmos sobre as redes de interferências e de influências que se formam na vivência coletiva. De qualquer modo, é comum, na maioria dos setores sociais, as crianças tornarem-se alvos de promessas para o futuro, mas na Dança, muitas vezes elas são apenas colocadas em segundo plano. Esse pensamento vai além da possível formação de público, vai ao encontro até mesmo da sustentabilidade da Área.

Considerações Provisórias

Dependemos uns dos outros em todos os setores da vida humana, mas por vezes, na Arte, acabamos deixando de lado o investimento em futuros professores, coreógrafos, bailarinos e espectadores de Dança. Acreditar nas possibilidades de construção de conhecimento em Dança na Educação Básica pode trazer consequências positivas de longo prazo e, além de estarmos criando uma comunidade dançante sustentável, ao inserirmos a Dança na Educação Básica e trabalharmos de modo coletivo, estamos investindo em corpos mais sensíveis, pensantes, críticos e educados. Esta metamorfose de corpos é uma, talvez a principal, razão de acreditarmos na inserção da Dança no Ensino Formal. A questão de sustentabilidade da Área serve apenas de alerta para que possamos, enquanto artistas, deixar recair nossa atenção para a escola também. É de extrema urgência a reflexão sobre possibilidades de trabalho corporal na escola e o desenvolvimento de trabalhos dedicados a esse contexto. O “co(rpo) letivo”, nessa perspectiva, é também um desejo de mudança nas rotinas escolares, de investimento nos processos de ensino e aprendizagem em Dança e de intercâmbio com a Arte que existe além dos muros da escola.

Referências

PENA, Alexandra; et al. *Aconchegando o corpo na escola: as perspectivas*. Boletim Salto para o Futuro, ano XVIII, n. 4, abril de 2008. Brasília: SEED/MEC, 2008. p. 29-40. Disponível em <<http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/181924Corponaescola.pdf>> Acesso em 21 de maio de 2012.

RENGEL, Lenira. *Os temas de movimento de Rudolf Laban: modos de aplicação e referências I, II, III, IV, V, VI, VII e VIII*. São Paulo: Annablume, 2008.

RENGEL, Lenira. *Corpo e dança como lugares de corponectividade metafórica*. R.cient./FAP, Curitiba, v.4, n.1 p.1-19, jan./jun. 2009. Disponível em <http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/Arquivos2009/Pesquisa/Rev_cientifica4/artigo_Lenira_Rengel.pdf> Acesso em 11 de julho de 2012.

TARDIF, Maurice; LEVASSEUR, Louis. *A divisão do trabalho educativo*. Tradução: Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.